



NHAMA ARENA - ESCUTA RAIZ: O TRABALHO POÉTICO EM UMA EDUCAÇÃO-RESSURGÊNCIA

Felipe Moratori Pires¹ – UFJF

Francione Oliveira Carvalho² – UFJF

Da língua puri: *nhama* (água) e *arena* (escuro). Forma de nomear o Rio Paraibuna. Do tupi: *para y una* (rio de águas escuras).

Este resumo expandido apresenta um relato de experiência em processo, vinculado à pesquisa de doutoramento do autor intitulada "*Nhama Arena – Escuta Raiz: o trabalho poético em uma educação-ressurgência*". Busca articular as dimensões da memória histórica, das narrativas ancestrais e da corporeidade como dispositivos pedagógicos e artísticos.

A problematização parte do reconhecimento de um projeto moderno-industrial que, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, promoveu o apagamento das memórias ancestrais indígenas, sobretudo do povo Puri, associado à abertura do chamado Caminho Novo no período colonial. Ao mesmo tempo, a cidade consolidou uma narrativa identitária de "Manchester Mineira", exaltando o modelo eurocêntrico de desenvolvimento e ocultando os traços originários. Tal apagamento conecta-se ao que Aníbal Quijano (2005) conceitua como "colonialidade do poder": uma estrutura de dominação que produz hierarquias raciais e epistêmicas, classificando e subalternizando povos a partir de matrizes coloniais de saber e poder. Como lembra Ailton Krenak (2019), reduzir o rio a recurso e não reconhecê-lo como ente vivo é parte desse mesmo processo de separação entre humanidade e natureza instaurado

¹Doutorando em Educação (UFJF), mestre em Artes Cênicas (UFOP) e licenciado em Letras (UFJF), é ator, dramaturgo, diretor e professor de teatro. Fundador da Sala de Giz, companhia de repertório autoral, é puri em retomada e integra o coletivo indígena Krauma. *E-mail:* felipemoratori.teatro@gmail.com.

²Professor Doutor em Educação, Arte e História da Cultura (Mackenzie), com Pós-Doutorado em História (FFLCH/USP). Bacharel em Artes Cênicas (Unespar/FAP) e licenciado em Artes (Belas Artes/SP). Atua na Faculdade de Educação da UFJF e lidera o MIRADA, grupo de pesquisa em visualidades, interculturalidade e formação docente. *E-mail:* francioneoliveiracarvalho@gmail.com



pela modernidade. Nesse sentido, o Paraibuna, nomeado *Nhama-arena*, carrega também a potência de reconexão com as águas escuras da memória.

Diante disso, este trabalho reivindica a noção de “ressurgência”, conceito adotado pelo Movimento Puri, que expressa o processo de emergência de traços culturais de um povo considerado extinto, mas que resiste e se reinventa. A ressurgência, longe de significar retorno puro e simples ao passado, indica um processo dinâmico e múltiplo de atualização de memórias e práticas, desafiando o silenciamento histórico e político. A proposta é pensar uma “educação-ressurgência”, compreendida como prática educativa que não apenas transmite conteúdos, mas que cria condições de escuta, visibilidade e reinvenção de memórias ancestrais.

Metodologicamente, a investigação se ancora nas poéticas do corpo, com ênfase em experiências como as do LUME Teatro (Burnier, 2001; Ferracini, 2006), que tratam o corpo como espaço de memória e criação. O trabalho pré-expressivo e o conceito de “dança pessoal” abrem possibilidades para que sujeitos acessem suas memórias íntimas, familiares e coletivas a partir de impulsos físicos, gestos e ações. Como destaca Merleau-Ponty (1999, p. 93), a percepção é sempre corporal, uma presença do mundo em nós que permite tornar visível e sensível aquilo que as narrativas documentais, por vezes, silenciam.

Essa compreensão encontra ressonância nas palavras de Davi Kopenawa (2015), para quem o corpo e a voz dos xamãs são lugares de passagem da memória da floresta e dos espíritos, abrindo canais de comunicação entre o visível e o invisível, entre o humano e o não-humano. Para Kopenawa, a palavra que vem com o sopro e o canto xamânico não apenas transmite, mas cria mundos; ela corporifica os saberes ancestrais em gesto, respiração e escuta. Nessa perspectiva, o corpo poético — tal como se busca na oficina — não é apenas veículo de expressão artística, mas território de atravessamentos, onde se condensam forças vitais, histórias e cosmologias.



Assim, o trabalho com o corpo poético não se limita a técnicas formais de treinamento, mas propõe um mergulho na memória sensível, onde gesto, voz e presença podem atualizar vínculos com ancestralidades invisibilizadas. O corpo torna-se, então, campo de insurgência e criação, um lugar onde a escuta da raiz se materializa em forma viva. A oficina *Nhama Arena – Escuta Raiz* propõe-se como esse laboratório artístico-pedagógico, voltado para a reinvenção das memórias ancestrais do território, em diálogo entre práticas teatrais e cosmologias indígenas.

A oficina busca instaurar um espaço de experimentação estética e pedagógica, articulando exercícios corporais, improvisações teatrais e relatos orais em processos de pesquisa e criação coletiva. O que inicialmente figurava como uma hipótese metodológica em pré-projeto ganhou corpo em encontros realizados em Juiz de Fora, evidenciando o potencial da prática de mapear sensibilidades e memórias no território urbano. Embora situada nesse contexto específico, a metodologia foi concebida de modo a poder ser aplicada em qualquer território que deseje investigar e reativar memórias ancestrais, comunitárias e afetivas, a partir da escuta sensível e da criação artística coletiva.

Inspirada nos conceitos de Henri Lefebvre (1991) sobre a produção do espaço — distinguindo espaço percebido, espaço concebido e espaço vivido — a oficina propõe a construção de um “mapa vivo”: um desenho da cidade feito a giz no chão, no qual os participantes inscrevem suas presenças corporais, narrativas e afetos. Nesse processo, objetos pessoais, lembranças de infância, histórias familiares e experiências cotidianas se entrelaçam às improvisações cênicas, ativando uma cartografia sensível do território. Ao mesmo tempo, em diálogo com Inés Dussel (2003), compreende-se que a linguagem e as metáforas educativas não se limitam a descrever, mas têm a força de produzir realidades sociais. Nesse sentido, a metáfora da “educação-ressurgência” que estrutura a oficina busca instaurar um horizonte poético e político capaz de legitimar narrativas historicamente silenciadas nos espaços formais e não formais de educação.

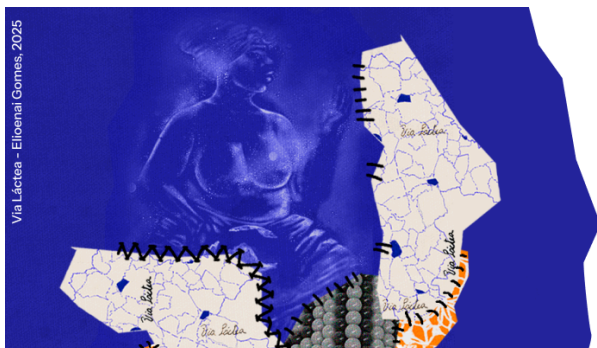


A experiência prática até aqui demonstra que a oficina não apenas mobiliza repertórios corporais e cênicos, mas também se afirma como prática de educação decolonial (Quijano, 2005; Walsh, 2009), na medida em que confronta hierarquias de saber e reconhece os territórios de vida como espaços de aprendizagem legítimos. A cartografia performativa realizada com giz, corpos e vozes funciona como dispositivo de escuta e de resignificação, convocando os participantes a se perceberem como agentes ativos na reinvenção de sua cidade. Ao mesmo tempo, aproxima-se do que defende Gersem Baniwa (2019), ao conceber uma educação para o manejo da vida, em que os territórios, a ancestralidade e a escuta da comunidade se tornam bases para processos formativos interculturais.

Do ponto de vista normativo e curricular, o trabalho dialoga com a Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, bem como com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), especialmente no campo de experiência “Corpo, gesto e movimento”. Nesse campo, reconhece-se que o corpo é lugar de conhecimento e criação, por meio do qual crianças, jovens e adultos exploram o mundo, estabelecem relações e produzem sentidos. Dessa forma, a oficina pretende se alinhar a um horizonte pedagógico que valorize a corporeidade como forma legítima de produção de saberes e memórias.

Ao conjugar história, memória e corporeidade, o projeto reafirma o papel do/a arte-educador/a como leitor/a, pesquisador/a e mediador/a de narrativas culturais e históricas. Trata-se de propor uma prática que responda à colonialidade pela via da imaginação poética e da presença corporal, abrindo caminho para uma educação mais plural, crítica e emancipatória. Como afirma Quijano (2005), a modernidade eurocêntrica instituiu hierarquias de saber que ainda estruturam nossas sociedades; nesse sentido, propor espaços de ressurgência é propor também práticas de libertação e de reconfiguração das relações entre arte, cultura e educação.

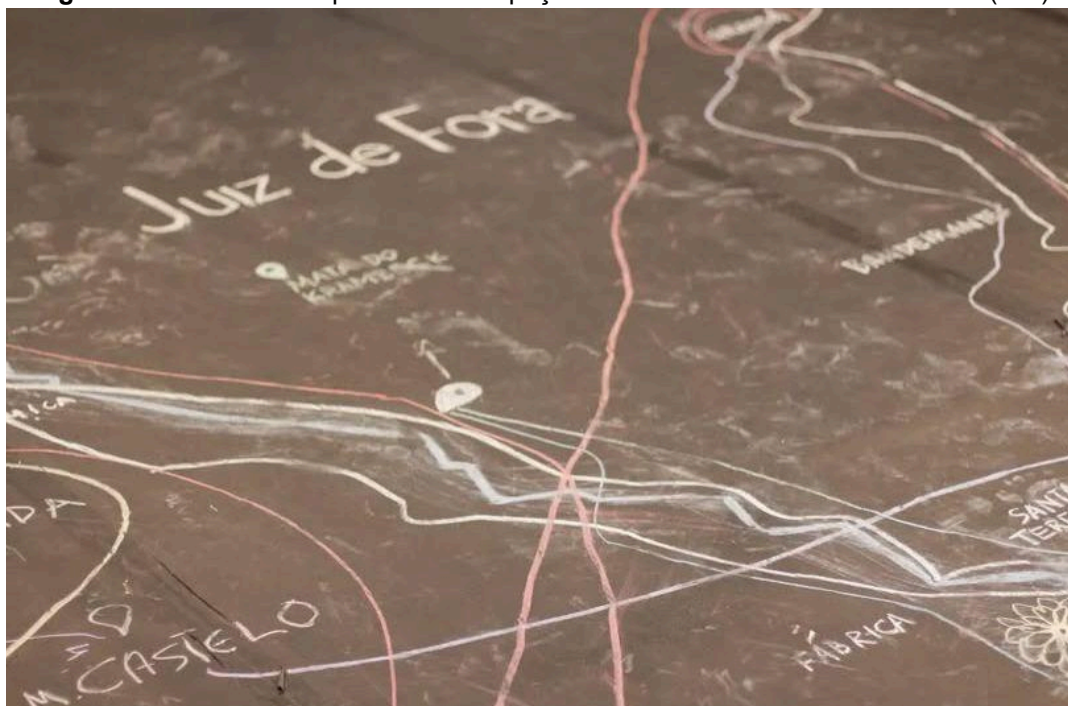
Em síntese, o relato em curso sugere que a arte, especialmente o teatro e as poéticas corporais, pode ser um dispositivo potente para acessar memórias profundas, valorizar ancestralidades e recriar vínculos identitários. A oficina *Nhama*



Arena – Escuta Raiz se apresenta como experiência que, ao valorizar as águas escuras do rio Paraibuna e as memórias Puri, transforma o corpo em território de ressurgência e de futuro.

E é nesse ponto que a dimensão poética se anuncia: a água escura, nomeada *Nhama-arena*, não é apenas ausência de luz, mas densidade de vida; rio que corre por baixo da história oficial, guardando relatos ancestrais. Escutar suas margens é aprender a reconhecer o que insiste em permanecer. O corpo, em gesto coletivo, desenha no chão com giz o que a modernidade tentou apagar: nomes, lembranças, afetos. Assim, a educação-ressurgência se faz rio: corrente, fértil, insurgente. Escutar a raiz é, enfim, inventar um futuro outro, nutrido pelas águas profundas da memória.

Figura 1 – Dinâmica “Mapa vivo” no Espaço Cultural Sala de Giz - Juiz de Fora (MG)



Fonte: O autor.



Figura 2 – Dinâmica “Mapa vivo” no Espaço Cultural Sala de Giz - Juiz de Fora (MG)



Fonte: O autor.

Referências

BANIWA, Gersem. *Educação para manejo da vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

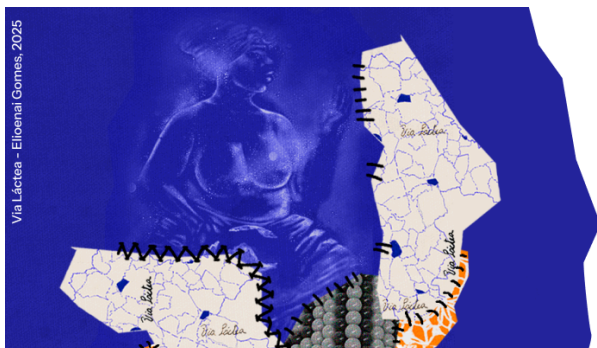
BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BURNIER, Luís Otávio. *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

FERRACINI, Renato. *Café com queijo: corpo em criação*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2006.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In: CANDAU, Vera (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.